

Debatendo a transposição

TRIBUNA DO BRASIL

Teotônio Vilela Filho Senador pelo PSDB de Alagoas

A questão da transposição das águas do rio São Francisco é muito séria para comportar o maniqueísmo do radicalmente contra e do incondicionalmente a favor. Como sempre o faço em todos os locais e oportunidades em que abordo as formas de utilização das águas do Velho Chico, registro primeiramente a necessidade da retomada das obras hídricas do estado de Alagoas, que estão praticamente paralisadas pelo não envio dos recursos por parte do governo federal.

O projeto de transposição proposto pelo governo mistura reivindicações e anseios legítimos com estratégias equivocadas, engodos e mistificações. Foi para dirimir dúvidas que iniciei a pouco menos de um mês uma série de pronunciamentos no Senado sobre o assunto. Foram oportunidades de debate e análise a respeito de uma questão tão séria, polêmica e que diz respeito a quase totalidade dos estados nordestinos. Uma obra prevista para consumir investimentos de R\$ 4,5 bilhões, a preços de 1999. Atualizados, chega-se próximo aos R\$ 7 bilhões.

Todos dirão que qualquer esforço se justificará para salvar da sede uma única vida humana. Quem se oporia a um projeto essencialmente humanitário?

Quem negaria um copo ou uma cuia d'água – como costuma dizer o presidente Lula – a quem tem sede? Posta nesses termos, como o faz o governo, o projeto de transposição não comporta qualquer restrição. Mas os números da realidade apontam para novas nuances da verdadeira identidade da obra. Daí o valor do debate sobre o assunto, para evitarmos que o projeto seja fadado a ser um elefante branco caatin-ga adentro, inconcluso e inviável.

Dentre os mitos e equívocos, está a alegação de que não existe água em estados como Ceará e Rio Grande do Norte para consumo humano e animal. Pois bem, o que falta nesses estados e também na beira do São Francisco é política de águas, gestão de águas, sistemas de distribuição, pequenas adutoras. A transposição levará água para os mesmos açudes onde hoje ela já existe, sem beneficiar a chamada população difusa que mora nas comunidades, sítios e fazendas.

Outra questão é o argumento de que esse projeto vai matar a sede de 12 milhões de sertanejos. O discurso do governo é de que, feita a transposição, acaba a sede do semi-árido e até a miséria. Não é correto que a transposição atenderá a esse

universo de nordestinos. Doze milhões é a população total projetada para daqui a 20 anos, em 2.025, no semi-árido dos quatro estados beneficiados. Hoje lá não moram mais que 3 milhões de pessoas, incluindo a população difusa que não será atingida. Sabe o governo, sabe o seu partido que não estão sendo corretos quando afirmam, no rádio e na TV, que esse projeto vai acabar com a sede e com a miséria do Nordeste.

Um outro ponto não menos polêmico é a questão da vazão alocável da água do rio que pode ser utilizada. O Ibama considerou o volume de 1.300 metros cúbicos por segundo como vazão mínima para garantir os ecossistemas da foz do rio, a pesca e a navegação. Depois de considerar usos e perdas, há um consenso entre os técnicos de que o rio tem hoje uma vazão alocável de apenas 360 metros cúbicos por segundo. O mais grave é que 93% de toda essa água já foi disponibilizada por instâncias do próprio governo para os fins mais diversos: são exatos 335 metros cúbicos outorgados, o que, ao final, representa uma disponibilidade de meros 25 metros cúbicos por segundo. Esse volume, portanto, é inferior à vazão mínima

pretendida pelo projeto, que é de 26,4 metros cúbicos por segundo.

Volto então ao ponto de partida deste artigo. Ninguém poderá ser contra levar uma cuia d'água a quem tem sede. Ninguém poderá ser contra a pretensão absolutamente legítima do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco de se desenvolverem, criando oportunidades de trabalho e de renda para seus agricultores. Mas se o governo Lula pretende mesmo levar água ao semi-árido, se ele quer mudar o destino dessa região, que faça o que é lógico: a interligação entre açudes, a distribuição da água acumulada nos reservatórios do semi-árido nordestino, construa adutoras, cisternas, sistemas simplificados, poços, chafarizes, pontos de abastecimento para a população difusa.

Conclua as obras hídricas e de irrigação que estão paralisadas em todo o Vale. Ele entrará para a história como o presidente que mudou, radicalmente, não apenas a face do semi-árido, mas o destino do Nordeste. A transposição, da forma apresentada, ao contrário, só o marcará como protagonista da teimosia mais cara e da aventura mais custosa de toda a nossa história.